O PAPEL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NA FORMAÇÃO CRÍTICA E AUTONOMA DOS ALUNOS

SONIA ALVES SALGADO

RESUMO
A educação superior deve promover a autonomia e o pensamento crítico dos alunos, com o professor atuando como mediador e facilitador, incentivando metodologias ativas que favoreçam a participação discente e a reflexão sobre a realidade. A educação superior deve promover a autonomia e o pensamento crítico dos alunos, com o professor atuando como mediador e facilitador, incentivando metodologias ativas que favoreçam a participação discente e a reflexão sobre a realidade, dessa forma, foi realizada uma pesquisa bibliográfica buscando analisar e compreender melhor sobre esse assunto. A metodologia do projeto foi baseada na análise de nove artigos que discutem o papel do professor universitário na formação crítica e autônoma dos alunos, enfatizando a importância de metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), e a necessidade de capacitação docente para implementar práticas pedagógicas inovadoras. O professor universitário desempenha um papel crucial na formação crítica e autônoma dos alunos, sendo essencial adotar metodologias ativas que incentivem a reflexão, a participação ativa e a construção do conhecimento, preparando os estudantes para enfrentar desafios sociais e profissionais, pode-se então concluir que há a importância de repensar a docência universitária, adotando metodologias ativas e capacitação docente contínua, para promover uma formação crítica, autônoma e transformadora, alinhada às necessidades da sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Formação critica; pedagogia, autonomia universitária

INTRODUÇÃO

A educação superior desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, reflexivos e autônomos. Nesse contexto, o professor universitário assume uma posição central, não apenas como transmissor de conhecimento, mas como mediador e facilitador do processo de aprendizagem. Seu papel vai além da mera exposição de conteúdos; ele deve incentivar a construção ativa do saber, promovendo a autonomia intelectual dos estudantes e estimulando-os a desenvolver um pensamento crítico e analítico.

A sociedade contemporânea exige profissionais capacitados não apenas em termos técnicos, mas também em habilidades que lhes permitam interpretar, questionar e transformar a realidade. Diante disso, a docência no ensino superior precisa ser repensada para se adequar a essa nova demanda, incorporando metodologias que estimulem o protagonismo discente e rompam com modelos pedagógicos ultrapassados, muitas vezes baseados na simples memorização e reprodução de informações.

Ao longo da história, diferentes correntes pedagógicas destacaram a importância da participação ativa dos alunos no processo educativo. Autores como Paulo Freire defendem uma abordagem dialógica, em que o ensino se constrói por meio da interação e do questionamento, permitindo que o estudante se torne sujeito do próprio aprendizado. No ambiente universitário, essa perspectiva se traduz na necessidade de estratégias que incentivem o pensamento crítico, como metodologias ativas, estudos de caso, aprendizagem baseada em problemas (PBL) e projetos interdisciplinares.

Além disso, o professor universitário tem a responsabilidade de criar um ambiente que favoreça a autonomia dos alunos. Isso significa não apenas fornecer conhecimento, mas também oferecer ferramentas para que os estudantes possam buscar informações, analisar diferentes perspectivas e construir suas próprias interpretações sobre os fenômenos estudados. O estímulo à pesquisa, ao debate e à argumentação fundamentada são elementos essenciais para o desenvolvimento de uma postura autônoma e investigativa.

No entanto, desafios significativos ainda permeiam essa atuação docente. Muitos

professores universitários não possuem formação específica em práticas pedagógicas, o que pode dificultar a implementação de metodologias inovadoras. Além disso, há barreiras estruturais, como a rigidez curricular e a falta de incentivos para práticas interdisciplinares e participativas. Dessa forma, repensar a formação docente e investir em capacitação contínua se tornam medidas essenciais para garantir que a educação superior cumpra seu papel social de formar profissionais e cidadãos críticos e autônomos.

Diante desse cenário, este estudo busca explorar as estratégias pedagógicas que podem ser adotadas pelos professores universitários para fomentar a autonomia e o pensamento crítico dos alunos, analisando desafios e possibilidades dentro do ensino superior contemporâneo. Compreender o papel do professor como mediador desse processo é essencial para aprimorar a qualidade da educação e contribuir para a formação de indivíduos capazes de enfrentar os desafios do século XXI com independência e senso crítico.

DESENVOLVIMENTO

O papel do professor universitário na formação crítica e autônoma dos alunos está diretamente relacionado à escolha das metodologias de ensino adotadas no ambiente acadêmico, sendo assim, Camargo (s.d), relata que tradicionalmente, a Pedagogia coloca o professor como o centro do processo educacional, sendo ele o responsável por definir o conteúdo, a metodologia e a avaliação, enquanto os alunos assumem uma postura passiva e receptiva. Em contraste, a Andragogia, voltada para o ensino de adultos, propõe que o aluno seja o agente principal da própria aprendizagem, reconhecendo sua autonomia, experiência de vida e capacidade crítica. No entanto, a educação superior deve ir além de uma simples transmissão de conhecimentos técnicos, Pezente, et al. (2017), compreende que há uma necessidade de que ocorra a promoção do estímulo do pensamento crítico na formação dos alunos, auxiliando na reflexão sobre a realidade entregue por aquela matéria.

O professor deve ser um facilitador da aprendizagem, incentivando os alunos a questionar, relacionar e construir conhecimentos a partir de suas próprias experiências, sendo compreendido por Pezente, et al. (2017), que em vez de seguir abordagens tradicionais, que priorizam a memorização e a passividade do aluno, é fundamental adotar métodos que promovam a interação, a criatividade e o desenvolvimento intelectual autônomo, dessa forma, Borges e Alencar (2014) e Sordi (2019), enfatiza a importância do professor universitário na formação crítica e autônoma dos alunos, destacando que seu papel vai além da simples transmissão de conhecimento, sendo a obrigação do docente atuar como um facilitador da aprendizagem, incentivando o pensamento reflexivo, a análise crítica e a participação ativa dos estudantes no processo educativo, pontuando que o papel do professor universitário na formação crítica e autônoma dos alunos envolve uma reflexão profunda sobre as reformas educacionais e os desafios impostos pela sociedade contemporânea. As mudanças no mundo do trabalho e nas relações sociais impactam diretamente o sistema educacional, que, muitas vezes, prioriza competências individuais voltadas para a competição no mercado, em detrimento de uma formação mais crítica e reflexiva.

No desenvolvimento da formação crítica, Soares (2011), compreende que ocorre a necessidade da problematização de situações reais presente no cotidiano, onde por sua vez, ocorre a promoção do debate e da construção de estratégias inclusivas o que auxilia os alunos a compreenderem e a superarem preconceitos e limitações baseadas em concepções históricas de segregação, onde por sua vez, Rodrigues, et al (2023), compreende que muitos docentes, apesar de altamente qualificados em suas áreas de conhecimento, carecem de uma formação pedagógica que os capacite a ensinar de maneira eficaz, resultando em práticas educacionais distantes das necessidades dos alunos.

A falta de foco na metodologia de ensino e na formação didática enfraquece a qualidade da educação, já que as universidades priorizam a produção científica em detrimento do ensino e da interação pedagógica (Rodrigues, et al., 2023.), onde por sua vez, Blaszko, et al. (2021), pontua que o docente

não deve ser apenas um transmissor de conhecimento, mas também um mediador da aprendizagem, buscando incentivar a reflexão, a argumentação e a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem.

Assim como destacado no estudo de Soares (2011), evidencia-se que, ao lidar com as diferenças, ocorrem importantes aprendizados sobre as capacidades dos alunos com deficiência. Esse processo não se restringe apenas à adaptação dos conteúdos, mas também demanda um redirecionamento das atitudes e práticas pedagógicas. A educação inclusiva exige que os futuros profissionais estejam preparados para reconhecer as singularidades de cada aluno e adaptar seus métodos de ensino, assegurando acessibilidade e respeito à diversidade. Conforme os estudos de Pezente et al. (2017), a universidade, como instituição educativa, deve ajustar seus métodos de ensino às demandas sociais e regionais, promovendo a reflexão crítica e a transformação social. A implementação de um projeto político-pedagógico que considere os problemas locais e a formação cidadã é essencial para o êxito dessa abordagem. O professor deve assumir o papel de guia no processo de construção do conhecimento, incentivando o aluno a se tornar sujeito ativo em sua aprendizagem e capacitando-o para enfrentar os desafios da sociedade.

Camargo (s.d.) relata que a abordagem andragógica requer que o professor universitário atue como facilitador da aprendizagem, escolhendo metodologias adequadas a cada contexto. Embora o modelo pedagógico tradicional possa ser útil em algumas situações — como em casos de falta de experiência prévia ou necessidade de aprendizado rápido —, a adoção de metodologias ativas é essencial para promover a participação ativa dos alunos no processo de construção do conhecimento. Dessa forma, o ensino superior deve evoluir para práticas que incentivem a autonomia e o pensamento crítico dos estudantes. Bridi (2010) afirma que a iniciação científica é um instrumento essencial para o desenvolvimento acadêmico dos estudantes universitários, proporcionando-lhes um primeiro contato com a pesquisa e o método científico. No entanto, mais do que uma simples experiência técnica, essa atividade exerce papel decisivo na formação crítica e autônoma dos alunos. Nesse contexto, a orientação oferecida pelos professores universitários torna-se central, influenciando diretamente a maneira como os estudantes constroem conhecimentos e desenvolvem habilidades analíticas e investigativas. Bridi identifica dois principais tipos de orientação praticados pelos docentes: a técnica e a formativa. A orientação técnica foca na transmissão de conhecimentos metodológicos e no treinamento para a execução de pesquisas conforme padrões científicos estabelecidos. Essa abordagem capacita os estudantes com habilidades fundamentais, como coleta e análise de dados, formulação de hipóteses e interpretação de resultados, preparando-os para a pós-graduação ou atuação em áreas que demandam competências investigativas.

Camargo (s.d.) também demonstra que metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a problematização e o ensino por projetos, favorecem o desenvolvimento de competências essenciais ao mercado de trabalho, incentivando a resolução de problemas e a tomada de decisões conscientes. Além disso, essas metodologias criam um ambiente de ensino mais dinâmico e colaborativo, em que professores e alunos interagem de forma mais horizontal, permitindo que os estudantes participem ativamente da construção do conhecimento. Sordi (2019) salienta que as reformas educacionais atuais, ao priorizarem avaliações externas e uma formação de caráter instrumental, acabam negligenciando valores democráticos e a formação humanista, fundamentais para uma educação de qualidade. Nesse cenário, torna-se necessário reconfigurar a formação do professor universitário, adotando uma abordagem mais crítica, rigorosa e reflexiva, que se afaste de soluções prontas e se adeque às exigências da sociedade contemporânea. A transformação educacional deve considerar os aspectos sociais, culturais e educacionais, refletindo sobre o tipo de sociedade e cidadão que se deseja formar.

Com base em suas pesquisas, Sordi (2019) também garante que a criação de espaços

de apoio à docência universitária, voltados à promoção de uma educação socialmente relevante e ao incentivo ao protagonismo individual e coletivo, é fundamental. O professor universitário deve estar preparado não apenas para transmitir conhecimento técnico, mas também para engajar os alunos em uma reflexão crítica sobre o mundo, as relações sociais e os valores que orientam a educação. Esse processo formativo precisa ser contínuo, tanto na formação inicial quanto na continuada, para que os docentes contribuam efetivamente para a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva. Nesse sentido, Borges e Alencar (2014) defendem que o professor deve adotar metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a sala de aula invertida e a aprendizagem colaborativa. Essas estratégias permitem que os alunos desenvolvam autonomia ao serem desafiados a buscar soluções, formular questionamentos e construir conhecimento de forma independente. Cabe ao professor, nesse contexto, estimular a interação, propor desafios e orientar os estudantes na construção do saber, em vez de apenas repassar informações.

Blaszko et al. (2021) reforçam que é imprescindível que o docente adote práticas pedagógicas que incentivem o pensamento crítico, como metodologias ativas, debates, problematizações e atividades que exijam análise e construção de conhecimento pelos alunos. Além disso, é essencial que o ambiente de aprendizagem seja colaborativo, promovendo a autonomia dos estudantes e tornando-os protagonistas de sua formação. Por outro lado, Bridi (2010) destaca que a orientação formativa ultrapassa a capacitação técnica, buscando desenvolver no aluno a autonomia e o pensamento crítico. Nessa perspectiva, o professor não apenas transmite informações, mas também estimula o aluno a questionar, refletir e construir o conhecimento de maneira independente. Essa abordagem é particularmente importante na formação de pesquisadores, pois permite ao estudante compreender a ciência como um processo dinâmico, pautado na investigação e na formulação de novas ideias.

Blaszko et al. (2014) também destacam os desafios enfrentados pelos docentes nesse processo, como a resistência às mudanças metodológicas, a necessidade de formação contínua e as limitações institucionais que dificultam a inovação no ensino superior. Apesar disso, os autores reforçam a importância do investimento na capacitação docente e na valorização do ensino como estratégias para garantir uma formação universitária que prepare cidadãos críticos, autônomos e capacitados para os desafios da contemporaneidade. Em consonância, Nhancale et al. (2023) afirmam que o professor universitário desempenha papel essencial na formação crítica e autônoma dos alunos, especialmente no contexto da cidadania digital. Ele atua como facilitador e orientador, promovendo não apenas competências técnicas, mas também aspectos éticos, sociais e emocionais relacionados ao uso responsável da tecnologia. Além de ensinar práticas seguras na internet, como a proteção de dados e a conscientização sobre ameaças cibernéticas, o professor deve incentivar reflexões sobre questões éticas e legais do ambiente digital. A integração da cidadania digital no currículo universitário fortalece a formação dos estudantes, preparando-os para enfrentar desafios e aproveitar oportunidades de forma crítica, ética e responsável.

Bridi (2010) também pontua que, embora muitos estudantes associem inicialmente a iniciação científica à orientação técnica, muitos reconhecem posteriormente a relevância da orientação formativa em seu desenvolvimento. Professores que estimulam a autonomia de seus orientandos, promovendo discussões e incentivando a busca por respostas, acabam contribuindo significativamente para que esses alunos estejam mais preparados para enfrentar desafios acadêmicos e profissionais de maneira crítica e reflexiva. Com base nas reflexões de Sordi (2019), compreende-se que a análise das necessidades formativas (abrangendo tanto a dimensão técnica quanto os aspectos culturais, éticos e sociais) é essencial para o desenvolvimento de uma docência que prepare os alunos para atuar de forma crítica e autônoma na sociedade. A formação do professor universitário deve ser compreendida de forma ampla, considerando não apenas

as exigências imediatas da profissão, mas também a necessidade de refletir sobre a prática docente e construir uma educação que promova a autonomia intelectual dos estudantes.

Portanto, Soares (2011) defende que o trabalho docente deve ser reflexivo e comprometido com a transformação social, e não apenas com a simples transmissão de conhecimento. A atuação do professor vai além do ensino acadêmico, ao estimular os alunos a adotarem uma postura crítica diante da realidade educacional e a valorizarem as diferenças. A formação universitária deve possibilitar aos alunos não apenas o domínio teórico da inclusão, mas também a vivência prática de estratégias que atendam às necessidades de todos os estudantes, promovendo uma educação verdadeiramente inclusiva. Dessa forma, o papel do professor torna-se essencial para a construção de uma educação mais justa, que ultrapasse os limites das demandas do sistema educacional tradicional e, por meio de ações coletivas e políticas públicas eficazes, proponha soluções que assegurem a inclusão plena de todos os alunos, independentemente de suas características pessoais ou deficiências.

Ademais, Borges e Alencar (2014) apontam que a formação pedagógica dos docentes ainda representa um desafio, uma vez que muitos professores universitários são especialistas em suas áreas de conhecimento, mas não receberam preparação específica para atuarem como mediadores da aprendizagem. A capacitação contínua e o apoio institucional são indispensáveis para a aplicação de estratégias pedagógicas inovadoras. Sordi (2019), por sua vez, critica a forma como a educação superior tem sido influenciada por pressões mercadológicas, como a valorização excessiva das publicações acadêmicas e dos rankings de avaliação, em detrimento de uma formação mais humanista e crítica. Para ele, a formação dos docentes deve estar ancorada em programas institucionais que promovam uma reflexão profunda sobre as práticas pedagógicas, considerando as realidades locais e sociais, e não em soluções genéricas e descontextualizadas.

Por fim, Borges e Alencar (2014) destacam que a valorização da docência no ensino superior é um fator determinante para garantir a qualidade da formação discente. Isso envolve melhores condições de trabalho, incentivos à inovação pedagógica e a criação de espaços de troca de experiências entre os docentes. Dessa maneira, o professor universitário poderá contribuir de forma mais eficaz para a formação de alunos críticos, autônomos e aptos a enfrentar os desafios contemporâneos. Em consonância, Camargo (s.d.) reafirma que o professor universitário tem papel essencial na promoção da formação crítica e autônoma dos estudantes, mediando o processo de ensino- aprendizagem por meio de metodologias ativas. A transição do modelo tradicional para abordagens mais dinâmicas colabora de maneira significativa para o preparo de profissionais capazes de enfrentar os desafios do mercado e da sociedade. Além disso, Rodrigues et al. (2023) declaram que a docência universitária precisa evoluir, incorporando novas abordagens, como o uso de tecnologias no ensino, a fim de despertar o interesse dos alunos e promover uma aprendizagem mais significativa. A formação docente deve abranger tanto a teoria quanto a prática, reconhecendo a docência como uma prática social que requer constante reflexão sobre seu impacto na formação crítica e autônoma dos discentes. Assim, a docência deve ultrapassar a mera transmissão de conteúdo e contribuir para um ensino transformador, adaptado ao contexto contemporâneo e orientado para a autonomia dos estudantes.

Dessa forma, Bridi (2010) sustenta a ideia de que a iniciação científica não deve ser encarada apenas como um meio de treinamento técnico, mas sim como uma experiência enriquecedora que possibilita ao aluno um aprendizado mais amplo e profundo. O papel do professor, nesse contexto, vai além da instrução técnica: ele atua como facilitador do pensamento crítico, preparando seus alunos para enfrentar problemas complexos e atuar de forma mais autônoma e investigativa em suas áreas de conhecimento.

DISCUSSÃO

A educação superior, enquanto espaço formativo por excelência, ocupa uma posição

estratégica na construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva, exigindo uma constante reflexão sobre os papéis desempenhados pelo professor universitário. A docência nesse nível de ensino ultrapassa a lógica tradicional da transmissão de conteúdos e passa a envolver uma complexa rede de mediações pedagógicas, éticas e sociais, nas quais o educador assume um papel ativo como facilitador do aprendizado, orientador do pensamento crítico e promotor da autonomia intelectual e cidadã dos estudantes. A contemporaneidade exige profissionais preparados para lidar com as transformações socioculturais e tecnológicas, demandando, portanto, um modelo de ensino que supere práticas instrucionais obsoletas e valorize a formação integral, multidimensional e dialógica dos discentes. Nesse sentido, a atuação docente no ensino superior deve se alicerçar em princípios que considerem o aluno como sujeito histórico e ativo no processo educativo, sendo imprescindível repensar o fazer pedagógico a partir da adoção de metodologias que contemplem a complexidade da realidade e contribuam para o desenvolvimento de habilidades críticas, investigativas, reflexivas e colaborativas.

A história da educação está marcada por diversos movimentos pedagógicos que já apontavam para a necessidade de superação do modelo bancário de ensino, conforme denunciado por Paulo Freire, cuja pedagogia crítica defende uma educação libertadora, dialógica e humanizadora. Para Freire, o educador deve abandonar a posição de autoridade absoluta e assumir uma postura de escuta e construção conjunta do saber, promovendo situações de aprendizagem em que o aluno participe ativamente do processo formativo. No contexto do ensino superior, essa concepção adquire especial relevância, pois se trata de um espaço em que se espera que o estudante não apenas assimile informações, mas desenvolva competências que lhe permitam atuar de forma ética, transformadora e crítica diante dos desafios da realidade social e profissional. Essa perspectiva demanda uma reorganização das práticas pedagógicas, com o propósito de incorporar metodologias que promovam a problematização, o diálogo e a reflexão constante, abrindo espaço para que o aluno construa o conhecimento de forma contextualizada e significativa. A aprendizagem, dessa forma, deixa de ser um processo passivo e se transforma em um exercício de investigação constante, em que o professor estimula a curiosidade, a autonomia e o protagonismo estudantil.

A incorporação de metodologias ativas de ensino, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), o estudo de casos, o ensino por projetos, a sala de aula invertida e outras abordagens centradas no aluno, representa uma resposta concreta à necessidade de ressignificação da prática docente no ensino superior. Tais metodologias, ao colocarem o estudante no centro do processo educativo, possibilitam o desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores, como a análise crítica, a síntese, a tomada de decisões, a resolução de problemas complexos e o pensamento reflexivo. Elas também favorecem a aprendizagem significativa, pois conectam os conteúdos acadêmicos com a vivência prática e os contextos reais nos quais os conhecimentos serão aplicados. Além disso, promovem o trabalho em equipe, a interdisciplinaridade e a corresponsabilidade pelo conhecimento produzido, ampliando o papel do aluno de receptor a cocriador do saber. Para que esse modelo seja viável, o professor precisa atuar como orientador, estimulando a construção coletiva do conhecimento, mediando conflitos, elaborando estratégias desafiadoras e acompanhando o desenvolvimento das competências dos estudantes com sensibilidade e intencionalidade pedagógica. Nesse processo, a avaliação também deve ser ressignificada, assumindo um caráter formativo e processual, capaz de promover a autorreflexão, a autocrítica e a metacognição.

Apesar das inúmeras possibilidades pedagógicas e dos ganhos formativos advindos do uso de metodologias ativas, é necessário reconhecer os desafios que ainda persistem para a sua efetiva implementação no ensino superior. Entre os principais obstáculos, destaca-se a ausência de formação pedagógica dos docentes universitários, que, em muitos casos, possuem domínio técnico de suas áreas específicas, mas não receberam

preparo adequado para atuar na docência. Essa lacuna formativa compromete a qualidade das interações em sala de aula e limita a capacidade de os professores mobilizarem estratégias de ensino coerentes com os pressupostos das metodologias ativas. Além disso, a estrutura curricular muitas vezes rígida, a cultura institucional voltada para a produtividade acadêmica em detrimento da qualidade do ensino, a sobrecarga de trabalho docente e a escassez de recursos materiais e didáticos também configuram barreiras que dificultam a transformação da prática pedagógica nas universidades. A superação desses desafios exige uma mudança estrutural nas instituições de ensino superior, que deve passar pela valorização da função docente, pela oferta de programas de formação continuada, pela flexibilização curricular e pelo estímulo à inovação didática, reconhecendo o ensino como dimensão central e indissociável da vida universitária.

A formação docente no ensino superior, portanto, deve ser concebida como um processo contínuo, reflexivo e intencional, que articule os saberes científicos, técnicos e pedagógicos em uma perspectiva crítica e ética. A profissionalização do professor universitário demanda não apenas domínio de conteúdo, mas também o desenvolvimento de competências relacionais, comunicacionais, metodológicas e ético- políticas. A construção de uma docência comprometida com a transformação social passa pela apropriação de fundamentos filosóficos e epistemológicos que sustentem a prática educativa como ato político e emancipador. O professor precisa ser capaz de refletir sobre sua prática, compreender os processos de aprendizagem dos estudantes, adaptar estratégias de ensino às necessidades e características do grupo, promover a equidade e a inclusão, além de estimular o pensamento crítico e a participação cidadã. Nesse contexto, a dimensão ética da docência ganha destaque, pois implica o reconhecimento da alteridade, o respeito à diversidade e o compromisso com a justiça social.

A educação inclusiva no ensino superior, por sua vez, demanda práticas pedagógicas que contemplem a diversidade humana em suas múltiplas dimensões – culturais, sociais, econômicas, cognitivas e físicas. A docência universitária deve incorporar estratégias que assegurem o acesso, a permanência e o sucesso de todos os estudantes, rompendo com práticas excludentes e promovendo a equidade no processo educativo. Isso implica a revisão de materiais didáticos, a adaptação de métodos e instrumentos de avaliação, o uso de tecnologias assistivas e o fortalecimento de políticas institucionais de inclusão. A formação docente deve, portanto, contemplar uma abordagem interseccional e plural, capaz de responder às demandas de um corpo discente cada vez mais heterogêneo, e promover uma cultura institucional baseada no respeito às diferenças e na construção de ambientes de aprendizagem acolhedores, participativos e comprometidos com os direitos humanos.

Em síntese, a docência no ensino superior precisa ser compreendida como uma prática intelectual, ética e política, que exige compromisso com a formação de sujeitos autônomos, críticos e socialmente responsáveis. A superação dos modelos tradicionais e a adoção de metodologias ativas representam caminhos promissores para a construção de uma educação mais significativa, humanizada e transformadora. No entanto, para que essa transformação ocorra de maneira efetiva, é fundamental que as instituições de ensino superior se comprometam com a valorização da docência, oferecendo condições adequadas de trabalho, programas de formação continuada, apoio institucional e reconhecimento do papel estratégico do professor na formação de cidadãos plenos. A construção de uma universidade inclusiva, democrática e socialmente relevante depende, em grande medida, da capacidade de seus docentes em reinventar a prática pedagógica, assumindo-se como agentes de mudança e promotores de uma educação que não apenas informe, mas que forme integralmente, com consciência crítica, responsabilidade social e compromisso com a construção de um futuro mais justo e equitativo.

CONCLUSÃO

A conclusão deste estudo evidencia, de forma clara e consistente, a urgência de se repensar o papel do professor universitário no

cenário contemporâneo da educação superior, considerando os múltiplos desafios que emergem de uma sociedade em constante transformação. Não se trata apenas de revisar práticas didáticas, mas de promover uma mudança de paradigma que compreenda o docente como agente formador de sujeitos críticos, autônomos, éticos e socialmente comprometidos. A análise dos estudos revisados reforça que o professor universitário não pode mais se limitar à função de transmissor de conteúdos prontos, centrada na lógica da exposição unilateral, mas deve assumir uma postura mediadora, reflexiva e dialógica, que favoreça a construção do conhecimento de forma colaborativa e significativa. Essa mediação envolve a criação de ambientes educacionais dinâmicos, acolhedores e intelectualmente desafiadores, onde o estudante possa exercer sua autonomia com responsabilidade, mobilizando saberes teóricos e práticos para a leitura crítica e transformadora da realidade.

Diante das complexidades contemporâneas e das exigências cada vez mais interdisciplinares do mercado de trabalho, torna-se fundamental que a educação superior vá além da formação técnica, promovendo o desenvolvimento de competências cognitivas, emocionais, sociais e ético-políticas. As metodologias ativas de ensino, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), o ensino por projetos, a sala de aula invertida e outras estratégias centradas no protagonismo estudantil, demonstram-se como ferramentas pedagógicas eficazes para a promoção de uma aprendizagem mais significativa, dialógica e integradora. Essas metodologias rompem com modelos pedagógicos conservadores e contribuem para a construção de sujeitos capazes de lidar com situações-problema reais, tomar decisões fundamentadas, trabalhar em equipe, exercer pensamento crítico e agir com responsabilidade social. Ao colocarem o aluno no centro do processo formativo, tais abordagens transformam a dinâmica da sala de aula em um espaço de investigação, criatividade e diálogo, ampliando o alcance formativo da docência universitária.

Entretanto, apesar do reconhecimento da potência dessas metodologias, persiste um entrave estrutural: a ausência, ainda recorrente, de uma formação pedagógica adequada entre os docentes do ensino superior. Muitos professores, embora detentores de profundo conhecimento técnico-científico em suas áreas, carecem de formação específica para a docência, o que dificulta a adoção efetiva de práticas pedagógicas inovadoras e coerentes com os princípios de uma educação crítica e inclusiva. Essa lacuna revela a necessidade de investimento contínuo na formação didático-pedagógica dos docentes, por meio de programas institucionais estruturados que articulem teoria e prática, incentivem a reflexão sobre o fazer docente e promovam a integração de metodologias que respeitem a diversidade dos perfis estudantis. Assim, a capacitação docente contínua deve ser compreendida como um eixo estruturante da qualidade do ensino superior, uma vez que é o professor o principal responsável por tornar possíveis práticas que efetivamente favoreçam o aprendizado ativo, emancipador e transformador.

Além disso, o compromisso com a formação crítica no ensino superior demanda uma compreensão mais ampla do papel social da universidade. Não se trata apenas de preparar profissionais para atender às exigências do mercado, mas de formar cidadãos capazes de intervir na realidade de forma ética, sensível e politicamente engajada. A docência universitária, nesse contexto, deve estar alinhada a valores democráticos e humanistas, promovendo a inclusão, o respeito à diversidade e a justiça social. A construção de uma educação verdadeiramente inclusiva requer que o professor desenvolva práticas pedagógicas sensíveis às especificidades dos sujeitos, que combata desigualdades estruturais e que atue como catalisador de transformações sociais. A promoção da equidade educacional, portanto, passa pelo fortalecimento de políticas institucionais de inclusão, pela revisão de currículos e avaliações excludentes, e pela implementação de estratégias pedagógicas capazes de contemplar diferentes formas de aprender e ensinar.

Dessa forma, a presente investigação conclui que a transformação da educação superior brasileira exige um compromisso coletivo

com a reformulação das práticas pedagógicas, com a valorização da função docente e com a construção de políticas educacionais que incentivem a formação continuada, a inovação didática e a inclusão. A universidade deve ser compreendida como espaço privilegiado para o exercício da cidadania, da criticidade e da produção de conhecimento socialmente relevante. A docência, por sua vez, deve ser reconhecida como prática social complexa, que demanda sensibilidade, competência técnica, consciência ética e compromisso político com a formação integral dos estudantes. A adoção de metodologias pedagógicas mais interativas e eficazes, aliada a um esforço sistemático para qualificar os professores e flexibilizar as estruturas curriculares, representa um passo decisivo para que o ensino superior cumpra plenamente sua função social. Em última instância, educar no contexto universitário significa formar sujeitos capazes de transformar não apenas suas trajetórias pessoais e profissionais, mas também de contribuir ativamente para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e humanizada.

REFERÊNCIAS

BLASZKO, CE; et al. A contribuição das metodologias ativas para a prática pedagógica dos professores universitários. Educação & fomação, Fortaleza, v. 6, n. 2, e 3908, mai/ago 2021. Disponível em: < http://educa.fcc.org.br/pdf/redufor/v6n2/2448- 3583-redufor-6-02-e3908.pdf > Acesso em: 10 mar 2025

BORGES, TS; ALENCAR, G. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. Cairu em revista, v. 3, n. 4, p. 119-143, jul/ago 2014. Disponível em: <

https://cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/08%20METODOLOGIAS%20ATIVAS%2 0NA%20PROMOCAO%20DA%20FORMACAO%20CRITICA%20DO%20ESTUDANTE.pdf.> Acesso em: 10 mar 2025.

BRIDI, JC. Atividade de pesquisa: contribuições da iniciação científica na formação geral do estudante universitário. Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 13, n. 2, p. 349-360, 2010. Disponível em: < https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/2521/2362> Aceso em: 10 mar 2025.

CAMARGO, AO. O uso das metodologias ativas no ensino superior na construção do processo ensino-aprendizagem: uma revisão da literatura. Revista Intellectus, v. 1, n. 40, s.d. Disponível em: < file:///C:/Users/Vitoria/Downloads/70+a+89.pdf.> Acesso em: 10 mar 2025

NHANCALE, CA; et al. Educação para cidadania digital: o papel do professor universitário no contexto atual. Revista multidisciplinar do nordeste mineiro, v. 7, 2023. Disponível em: < https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1462/3031> Acesso em: 10 mar 2025.

PEZENTE, DP; et al. Formação do professor universitário sob diferentes abordagenns de ensino. Digtio, Rio de Janeiro, e. 1, p. 219-239, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Osni- Silva/publication/374418334_A_Educacao_Infantil_no_curriculo_do_curso_de_Licenciat ura_em_Educacao_Fisica_Uma_analise_da_Uneb_-_Campus_IV/links/651ccf3ffc5c2a-0c3bb311bc/A-Educacao-Infantil-no-curriculo-do- curso-de-Licenciatura-em-Educacao-Fisica-Uma-analise-da-Uneb-Campus-IV.pdf#page=219.> Acesso em 10 mar 2025

RODRIGUES, MV; et al. A docência no ensino superior: realidade e desafios. Revista FT, v. 27, e. 129, dez 2023. Disponível em: < https://revistaft.com.br/a-docencia-no- ensino-superior-realidade-e-desafios/.> Acesso em: 10 mar 2025

SOARES, MT. Incluir, que tarefa difícil professora! A prática pedagógica no ensino superior: desafios e perspectivas. VII encontro da associação brasileira de pesquisadores em educação especial, p. 144-152, nov 2011. Disponível em: < https://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/process o_inclusivo/014-2011.pdf> Acesso em: 10 mar 2025.

SORDI, MR. Docência no ensino superior: interpelando os sentidos e desafios dos espa-

ços institucionais de formação. Educ. Rev., v. 35, n. 75, mai/jun 2019. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/er/a/FqhqcdzddyYS-cYqDg5p3vGR/.> Acesso em 10 marc 2025